

A fragilidade dos laços humanos e a construção de vínculos religiosos na cibercultura: um diálogo entre os fenômenos da modernidade líquida e ciber-religião¹

Andrey Caetano MASSON²

Resumo

O presente trabalho objetiva criar interfaces entre o pensamento de Zygmunt Bauman, sobre a fragilidade dos laços humanos no contexto da modernidade líquida, e o fenômeno da ciber-religião e a construção de vínculos religiosos na cibercultura, analisado por Jorge Miklos. O pensamento *baumaniano* sobre a liquidez dos dias contemporâneos não contempla uma reflexão direta sobre o universo religioso. Contudo, sua contribuição ao campo da análise social será útil ao dialogar com o estudo sobre as novas formas de religiosidade por meio das redes de comunicação, apresentado por Miklos. A partir de uma reflexão teórica de caráter bibliográfico, este trabalho pretende sistematizar as reflexões sobre laços humanos em uma sociedade líquido-moderna nos escritos de Bauman, e submetê-los em conversa com a obra *Ciber-religião: a construção de vínculos religiosos na cibercultura*, de Jorge Miklos. O resultado deste diálogo será uma proposta sistematizada de riscos e oportunidades a serem considerados pelo universo religiosos ao explorar a cibercultura.

Palavras-chave

Zygmunt Bauman; Jorge Miklos; cibercultura; modernidade líquida; religião.

1. Introdução

O fenômeno do sagrado, manifesto através da experiência religiosa, adaptou-se ao tipo de condição humana dominante na sociedade contemporânea. Entretanto, este trabalho não propõe uma análise da condição humana, tampouco se preme a discutir a sociedade contemporânea. Sobre essas questões, adotou o pensamento *baumaniano* e seu conceito de modernidade líquida, que será brevemente contemplado neste trabalho.

¹ Trabalho apresentado na XI Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial (Eclesiocom), realizada em Engenheiro Coelho, SP, 18/08/2016.

² Bacharelado em Teologia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo, Campus Engenheiro Coelho (Unasp-EC), e-mail: andreymasson@gmail.com

O alvo desta reflexão teórica de caráter bibliográfico, será a religiosidade no ambiente da *cibercultura*.

Antes de qualquer definição de termos, é necessário definir o interesse deste trabalho em analisar a presença religiosa na cibercultura.

Pensar a comunicação humana é entrar no mundo da cultura. É no terreno das raízes da cultura como construção do pensamento humano que podemos encontrar as marcas ancestrais presentes nos meios de comunicação eletrônicos interativos. Isso nos ajuda a entender como, para além dos aspectos relativos à formação de comunidades e do sentido de pertença, a cibercultura é um ambiente ideal para busca do *religare* perdido. Esse aspecto não pode ser desconsiderado quando tratamos da questão da migração da busca da experiência religiosa para o espaço dos meios de comunicação eletrônicos interativos, em especial, da cibercultura. (MIKLOS, 2012, p.89).

Esta reflexão, toma como alicerce teórico a obra de Jorge Miklos, *Ciber-religião: a construção de vínculos religiosos na cibercultura*, e a coloca em diálogo com o pensamento *baumaniano* sobre a fragilidade laços humanos no contexto da modernidade líquida. O sociólogo polonês, Zygmunt Bauman, é reputado, por seu biógrafo, como “um dos mais interessantes e influentes comentadores sobre a condição humana” (SMITH, 2013, p.3).

Portanto, dentro do fenômeno da cibercultura, o foco está naquilo que Miklos chama de ciber-religião, enquanto que no fenômeno da modernidade líquida, limita a reflexão ao conceito da fragilidade dos laços humanos. A importância dessa análise evidencia-se, na medida em que o avanço no ciberespaço se dá com maior segurança, explorando na cibercultura, aquilo que melhor ela pode oferecer à experiência religiosa contemporânea. Primeiro, o trabalho apresentará uma breve definição dos conceitos: modernidade líquida e cibercultura. Em seguida, uma análise dos laços humanos no contexto da modernidade líquida e dos vínculos religiosos no contexto da cibercultura. Por fim, as considerações sobre as contribuições deste recorte do pensamento baumaniano para a ciber-religião.

2. Definições

Faz-se necessária uma breve definição e conceituação dos termos utilizados neste trabalho, objetivando a melhor compreensão da reflexão proposta. A seguir, o trabalho apresentará os conceitos, *modernidade líquida e cibercultura*, analisando os pensadores que primeiro evocaram tais termos.

2.1. Modernidade líquida

A condição humana contemporânea é percebida a partir de elementos de ruptura com a condição, anterior a ela, da modernidade. Lyotard, de maneira pioneira, chama essa nova condição de pós moderna. Para ele, a pós modernidade seria o ambiente posterior à modernidade, que rompe com a sociedade industrial, tendo no conhecimento a principal força econômica. A partir dessa premissa, vê-se uma porção de outras rupturas com a modernidade:

Simplificando ao extremo, considera-se "pós-moderna" a incredulidade em relação aos metarrelatos. É, sem dúvida, um efeito do progresso das ciências; mas este progresso, por sua vez, a supõe. Ao desuso do dispositivo metanarrativo de legitimação correspondente sobretudo a crise da filosofia metafísica e a da instituição universitária que dela dependia. A função narrativa perde seus autores (*functeurs*), os grandes heróis, os grandes perigos, os grandes périplos e o grande objetivo. (LYOTARD, 1993, p. xvi)

Entretanto, o termo evocado por Lyotard, pós modernidade, não é acolhido pelos principais pensadores da condição humana contemporânea. "Mesmo os que rejeitam o termo pós-moderno não deixam de convir que há algo novo na modernidade, tanto assim que sentem a necessidade de adjetivá-la." (MIKLOS, 2012, p.92). Lipovetsky, prefere chamar de *hipermodernidade* (LIPOVETSKY e CHARLES, 2004); Giddens, de *modernidade radical* (GIDDENS, 1991); Bauman, de *modernidade líquida* (BAUMAN, 2001). Miklos, justifica o termo cravado por Bauman, citando um trecho de uma entrevista do sociólogo ao caderno *Mais!*, da *Folha de São Paulo* em 2003:

Uma das razões pelas quais passei a falar em "modernidade líquida" e não em "pós-modernidade" (meus trabalhos mais recentes evitam esse termo) é que fiquei cansado de tentar esclarecer uma confusão semântica que não distingue sociologia pós-moderna de sociologia da

pós-modernidade, "pós-modernismo" de "pós-modernidade". No meu vocabulário, "pós-modernidade" significa uma sociedade (ou, se se preferir, um tipo de condição humana), enquanto "pós-modernismo" refere-se a uma visão de mundo que pode surgir, mas não necessariamente, da condição pós-moderna. Procurei sempre enfatizar que, do mesmo modo que ser um ornitólogo não significa ser um pássaro, ser um sociólogo da pós-modernidade não significa ser um pós-modernista, o que definitivamente não sou. (MIKLOS, 2012, p.93)

Bauman, não foge da visão pessimista em relação à condição humana contemporânea, compartilhada pelos demais pensadores da pós-modernidade. O antropólogo brasileiro, Antônio Renato Henriques, afirma que "os autores pós-modernos são todos pessimistas." (HENRIQUES, 2013, p.113). Gilles Lipovetsky, anuncia tal época como *A Era do Vazio* (LIPOVETSKY, 2005); George Soros (SOROS, 2007), trata da era da insegurança; período que, Bauman chega a entender como: *O Mal-Estar da Pós-Modernidade* (BAUMAN, 1998), em clara alusão ao título da obra clássica de Freud: *O Mal-Estar na Civilização* (FREUD, 2011).

A modernidade líquida é um fenômeno complexo e de difícil conceituação sintética. Em uma de suas obras mais didáticas, Bauman ensaia uma definição:

O mundo que chamo de "líquido" porque, como todos os líquidos, ele jamais se imobiliza nem conserva sua forma por muito tempo. Tudo ou quase tudo em nosso mundo está sempre em mudança: as modas que seguimos e os objetos que despertam nossa atenção (uma atenção, aliás, em constante mudança de foco, que hoje se afasta das coisas e dos acontecimentos que nos atraíam ontem, que amanhã se distanciará das coisas e acontecimentos que nos instigam hoje); as coisas que sonhamos e que tememos, aquelas que desejamos e odiamos, as que nos enchem de esperanças e as que nos enchem de aflição. (BAUMAN, 2011, p.7)

Na tentativa de delimitar a abrangência do pensamento baumaniano, os pesquisadores, Elias Tfouni e Nilce da Silva, propuseram:

As principais características da modernidade líquida, segundo Z. Bauman (2005, 2001, 2000, 1998) são desapego, provisoriedade e acelerado processo de individualização; tempo de liberdade, ao mesmo tempo, de insegurança. Tal contexto pode ser definido pela palavra alemã *Unsicherheit* que significa: falta de segurança, de certeza e de garantia. (TFOUNI e SILVA, 2008, p.171-194)

A partir desse conceito de liquidez, Bauman trata a condição humana e suas variadas expressões na sociedade atual, em uma fecunda produção literária. Considerando apenas

a *Editora Zahar*, principal publicadora de suas obras no Brasil, são 36 títulos do autor, traduzidos para a língua portuguesa, ofertados hoje no site da editora³. Dentre os quais, 8 trazem no título o termo *líquido*, sendo a obra mais conhecida no Brasil, o *best-seller*, *Amor líquido* (BAUMAN, 2004), fundamental para a compreensão das relações afetivas no mundo líquido moderno e que aborda a fragilidade dos laços humanos, conceito que será tratado especificamente, mais adiante.

2.2. Cibercultura

O fenômeno da cibercultura é um dos elementos integrantes e caracterizadores da modernidade líquida. "A pós-modernidade líquida e a cibercultura estão incluídas" (MIKLOS, 2012, p.98).

Logo na introdução da sua obra, *Cibercultura*, o filósofo tunisiano, radicado no Canadá, Pierre Lévy, propõe suas definições para os termos, *ciberespaço* e *cibercultura*:

Como uso diversas vezes os termos "ciberespaço" e "cibercultura", parece-me adequado defini-los brevemente aqui. O ciberespaço (que também chamarei de "rede") é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo "cibercultura", especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço. (LÉVY, 2010, p.17)

A cibercultura emerge com ares messiânicos, é anunciada com analogias verotestamentárias, como a narrativa do dilúvio utilizada por Lévy, também na introdução da sua obra, "no meio do caos, Noé construiu um pequeno mundo bem organizado" (LÉVY, 2010, p.14). A promessa de um mundo novo:

Uma das principais hipóteses deste livro é que a cibercultura expressa o surgimento de um novo universal, diferente das formas culturais que vieram antes dele no sentido de que ele se constrói sobre a indeterminação de um sentido global qualquer. Precisamos, de fato, colocá-la dentro da perspectiva das mutações anteriores da comunicação. (LÉVY, 2010, p.15)

³ Informação disponível em: <http://www.zahar.com.br/autor/zygmunt-bauman>. Acesso em: 27 jun. 2016.

Não apenas um novo mundo, mas um mundo novo utópico, perfeito, que solucionaria problemas estruturais da sociedade, como observa Miklos:

Na esteira da utopia cibernética, Levy encara a Internet como um agente democrático (porque democratiza a informação) e humanitário (porque permite a valorização das competências individuais e a defesa dos interesses das minorias). Levy aposta no potencial educacional e desinstitucionalizador da Internet. Para ele, o cidadão conectado à rede tem condições de interferir diretamente no controle das decisões públicas sem mediadores, algo que pode ajudar a descentralizar, democratizar e aperfeiçoar a esfera pública. (MIKLOS, 2012, p. 99)

Miklos continua, considerando que Lévy, "conjetura a vocação democrática da Internet, cujas transformações econômicas, políticas e sociais provocadas pela emergência do ciberespaço permitiram a formação da *ágora virtual*" (MIKLOS, 2012, p.99). Sendo assim, a cibercultura seria, na visão otimista de Lévy, a concretização plena da democracia sonhada pelos antigos gregos atenienses. Um espaço, o ciberespaço, que oportunize a livre participação dos cidadãos, oferecendo voz a todos eles de igual modo.

Tal otimismo de Lévy é por ele admitido, mas não sem ressalvas:

Em geral me consideram um otimista. Estão certos. Meu otimismo, contudo, não promete que a Internet resolverá, em um passe de mágica, todos os problemas culturais e sociais do planeta. Consiste apenas em reconhecer dois fatos. Em primeiro lugar, que o crescimento do ciberespaço resulta de um movimento internacional de jovens ávidos para experimentar, coletivamente, formas de comunicação diferentes daquelas que as mídias clássicas nos propõem. Em segundo lugar, que estamos vivendo a abertura de um novo espaço de comunicação, e cabe apenas a nós explorar as potencialidades mais positivas deste espaço nos planos econômico, político, cultural e humano. (LÉVY, 2010, p.11)

É nesse cenário, de otimismo e incertezas que a ciber-religião se desenvolve. Trataremos dela a seguir.

3. A ciber-religião e a fragilidade dos laços humanos

Como fenômeno social, a experiência religiosa não ficou imune ao movimento migratório da comunicação para o ciberespaço. As adaptações que sofreu e as influências que levou, são traduzidas por Jorge Miklos como *mútua contaminação*: "há

uma dupla contaminação entre a esfera do religioso e a midiática... simultaneamente, a religião midiaticiza-se e a mídia é sacralizada" (MIKLOS, 2012, p.9).

Na sequência serão tratados, separadamente, os conceitos da ciber-religião e da fragilidade dos laços humanos, destacando interfaces entre os dois.

3.1. A ciber-religião

Do fenômeno da cibercultura, surge aquilo que Jorge Miklos evoca como sendo a ciber-religião, conceito que passa a ser seu tema de estudo. A partir da ideia de *religare*, que é uma forma primeira de vínculo, "concebida não só como vínculo entre os homens e seus deuses, mas especialmente entre os próprios homens" (MIKLOS, 2012, p.18), o autor explora o anseio humano pela construção de vínculos. O interesse por construir vínculos em um cenário favorecido pela cibercultura, tornou-se cenário potencial para uma nova experiência religiosa, em uma espécie de renascimento, que Miklos chama de ciber-religião.

Destaca-se, na obra de Miklos, a percepção de uma *mútua contaminação* na interação entre mídia e religião.

A mútua contaminação entre os meios de comunicação eletrônicos e religião deu-se, nesse sentido, pela afinidade de ambas com o modelo capitalista de crescimento e abarcamento social e pela sua vocação doutrinária, por seu proselitismo. (MIKLOS, 2012, p.29)

Sendo assim, na tentativa de aumentar o número de fiéis, as religiões aproximaram-se do ambiente potencializador da cibercultura. Percebendo-se nesse movimento uma oportunidade missional, "na disputa por mais fiéis, os meios eletrônicos de comunicação tornaram-se um poderoso aliado de evangelização das igrejas" (MIKLOS, 2012, p.31). Oportunidade esta, que mal utilizada pode incorrer no risco da espetacularização da fé:

Trata-se da estética do programa de auditório sendo transportada para o culto religioso. A linguagem religiosa muitas vezes assume a linguagem do espetáculo, para fazer aparecer o aspecto fantástico e capturar a atenção. Divulgam-se símbolos, pessoas e realidades religiosas de acordo com a expectativa do público. Na relação com o mercado, o espetáculo é acentuado. O *marketing* relaciona-se com a ciência do vender, e, para vender, o mercado procura seduzir e encantar os seus fiéis-usuários. (MIKLOS, 2012, p.40)

Outra consequência da mútua contaminação, percebida por Miklos, é a usurpação dos atributos divinos pela tecnologia midiática, em especial os atributos da onipotência, onipresença e onisciência, fenômeno que chamará de *midiofagia*. (MIKLOS, 2012, p.71-72)

Entretanto, é apenas no fim de sua tese que Miklos destaca, os dois principais riscos apresentados pela ciber-religião: *sacrifício do corpo* e *sacrifício do espaço* (MIKLOS, 2012, p.123 e 141).

Sobre o prejuízo do corpo, Miklos se vale de uma análise de Malena Contrera:

Afinal, se os sentidos estão no corpo, quem vai abdicando da comunicação primária (em prol das maravilhas da comunicação virtual) vai perdendo também a capacidade semiótica, e passa a se mover num mundo em que tudo, literalmente, não tem nem faz sentido. E o argumento de que a sinestesia provocada pelas linguagens visuais seria capaz de recontactar o homem a essa estética viva sobre a qual vimos falando resulta muito duvidoso. Nossa sociedade segue rejeitando a ideia de que há algo de único que perdemos ao abdicarmos da presentidade corporal. (MIKLOS, 2012, p.126)

A respeito do prejuízo do espaço, Miklos avalia:

O enfraquecimento dos vínculos sociais, ao passo que constitui uma defesa contra a dependência do outro, aumenta o isolamento e a solidão. Satelitizado pelos meios de comunicação, cercado por aparatos tecnológicos de última geração, o sujeito encontra-se "em rede", conectado ao todo, mas opera suas relações sociais a partir de um *bunker* que revela a natureza destas: deseja falar ao outro para se exhibir e até gozar de intimidade instantânea, mas impede a aproximação na esfera presencial. (MIKLOS, 2012, p.145)

Seria possível sustentar uma experiência religiosa, sem envolver a presença em corpo e espaço? A resposta de Miklos é não! (Miklos, 2012, p.146).

3.2. A fragilidade dos laços humanos

Uma sociedade individualizada, inóspita à educação, marcada pelo consumismo, pela desigualdade e, principalmente, pela fragilidade dos laços humanos. A transição ocorrida no século 20, de toda uma era da história mundial, conhecida como sociedade de produção, para a nossa era conhecida como sociedade de consumo, colocou o mercado e suas ideologias, em destaque na nossa cultura. Inclusive os relacionamentos

sofreram as influências da cultura de mercado. Os antigos laços humanos, foram substituídos pelo conceito de *network*, as redes de contatos, importadas do mercado.

No contexto da cibercultura, as redes de contatos passaram a ocupar com sucesso o ciberespaço.

O contato face a face é substituído pelo contato tela a tela dos monitores; as *superfícies* é que entram em contato. Por gentileza do Twitter, "surfar", o meio de locomoção preferido em nossa vida agitada, cheia de oportunidades que nascem e logo se extinguem, afinal chegou à comunicação inter-humana. O que se perde é a intimidade, a profundidade e durabilidade da relação e dos laços humanos. (BAUMAN, 2011, p.27)

Empenhar o futuro é oneroso e arriscado demais na modernidade líquida, nesse ponto a rede de contato se torna mais conveniente do que os antigos laços humanos.

Outra influência sofrida pelos relacionamentos, em uma sociedade orientada pelo mercado, é a mercantilização dos relacionamentos. Oportunidades de vínculos passam a ser considerados como investimentos, espera-se de uma relação de longo prazo, um benefício como retorno, compatível com o tempo de vínculo. Relacionamentos que exigem alto investimento e retornam pouco, são facilmente descartados. Portanto, é imprescindível que os contratos sociais ou laços humanos, tenham sempre uma cláusula de distrato bem facilitada. Na hora que se percebe o prejuízo daquela relação, ambos podem optar por abandonar o vínculo.

Terminar quando se deseja - instantaneamente, sem confusão, sem avaliação de perdas e sem remorsos - é a principal vantagem do namoro pela internet. Reduzir riscos e, simultaneamente, evitar a perda de opções é o que restou de escolha racional num mundo de oportunidades fluidas, valores cambiantes e regras instáveis. E o namoro pela internet, ao contrário da incômoda negociação de compromissos mútuos, se ajusta perfeitamente (ou quase) aos novos padrões de escolha racional. (BAUMAN, 2004, p.85)

Considera-se como vantagem dos relacionamentos na cibercultura, a capacidade de descarte dos laços humanos. "Você sempre pode apertar a tecla para deletar. Deixar de responder um e-mail é a coisa mais fácil do mundo." (BAUMAN, 2004, p.85)

A falta de competências comportamentais, facilitadoras da interação humana, deixaram de preocupar as gerações contemporâneas, pois na cibercultura o ônus do convívio pode ser evitado. "Para os atuais corações solitários, as discotecas e bares para

solteiros são uma recordação distante." (BAUMAN, 2004, p.84). Tal experiência, exigia ferramentas de sociabilidade que as redes de contatos não consideram.

Ao passo que a cibercultura facilitou a mobilização em massa e possibilitou o surgimento de redes de cooperação, ela também descompromissou seus usuários, sendo muito mais fácil negar um pedido de ajuda por uma mensagem do que diante da pessoa necessitada. Os relacionamentos virtuais, não teriam tanto sucesso, se não houvessem eliminado da sua lista de condições necessárias, o engajamento, "o compromisso e a obrigação de estar à disposição quando o outro precisa" (BAUMAN, 2004, p.86). Bauman faz uma ressalva, poupando a cibercultura da responsabilidade por essa tendência ao descompromisso, em sua visão, essa é uma característica da sociedade líquido moderna:

A responsabilidade por eliminar essas condições não pode ser atribuída à porta virtual do namoro eletrônico. Muito mais tem acontecido no caminho em direção à líquida e individualizada sociedade moderna para tornar os compromissos de longo prazo pouco numerosos, o engajamento a longo prazo uma rara expectativa e a obrigação de assistência mútua incondicional uma perspectiva que nem é realista nem percebida como digna de grandes esforços. (BAUMAN, 2004, p.86)

Na modernidade líquida, os interesses motivadores das relações humanas, são equivalentes aos dos vínculos religiosos, facilitando a interface entre os dois fenômenos. A busca, o medo, a expectativa, o ônus, considerado por um indivíduo na modernidade líquida, é o mesmo quando constrói vínculos religiosos e quando entra em laços humanos. A seguinte consideração de Bauman evidencia essa interface:

Se você investe numa relação, o lucro esperado é, em primeiro lugar e acima de tudo, a segurança - em muitos sentidos: a proximidade da mão amiga quando você mais precisa dela, o socorro na aflição, a companhia na solidão, o apoio para sair de uma dificuldade, o consolo na derrota e o aplauso na vitória; e também a gratificação que nos toma imediatamente quando nos livramos de uma necessidade. Mas esteja alerta: quando se entra num relacionamento, as promessas de compromisso são "irrelevantes a longo prazo". (BAUMAN, 2004, p.29)

Apresenta-se aqui, uma correspondência entre as motivações de um indivíduo que busca uma experiência religiosa. Logo, destacam-se, evidentes interfaces entre o fenômeno da fragilidade dos laços humanos e a construção de vínculos religiosos na ciber-religião, inclusive nos potenciais riscos e oportunidades.

4. Conclusão

Considerou-se, nessa breve reflexão teórica, o fenômeno da modernidade líquida e seu ambiente hostil às relações duradouras, bem como o fenômeno da cibercultura e o seu otimismo, quase utópico, de solucionar o mal-estar das relações na sociedade contemporânea.

Na análise do pensamento otimista de Pierre Lévy, sobre a cibercultura, foram destacadas oportunidades como democratização, voz às minorias, ambiente comunitário, favorável ao desenvolvimento de cooperação. Por sua vez, o pessimismo de Bauman ao tratar dos relacionamentos em uma sociedade líquido moderna, nos fez destacar alguns riscos para a experiência religiosa na cibercultura. Valores como compromisso, responsabilidade, vínculo, relação pessoal, comunhão, altruísmo, desprendimento, ausência de interesse pessoal ou material, tão caros ao universo religioso, são subvertidos pela experiência religiosa na modernidade líquida, em especial no ciberespaço.

Por fim, o trabalho analisou o conceito da ciber-religião, onde destacaram-se as oportunidades evangelísticas, mas também os riscos de espetacularização da fé, além daquilo que Miklos chamou de sacrifício do corpo e espaço.

A derradeira reflexão de Miklos, cabe bem para concluir esse trabalho:

A utilização em grande amplitude dos meios de comunicação eletrônicos como intercessão de experiências religiosas não poderia ser diferente: se por um lado traz a promessa da redenção, da aproximação entre pessoas, por outro, produz na sua sementeira a mera operacionalidade e a conexão técnica. (MIKLOS, 2012, p.149)

Essa sistematização de riscos e oportunidades na ciber-religião, ajudará o promotor da religião a explorar com segurança a cibercultura, aproveitando suas facilidades e inovações, e evitando os excessos que prejudicam a saúde da experiência religiosa.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

_____. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. **44 cartas do mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

HENRIQUES, Antonio R. **A civilização ocidental frente à pós-modernidade: uma análise de valores século XXI**. Porto Alegre, V. 4, No1, Jan-Jun 2013.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo, SP: UNESP, 1991.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2010.

LYOTARD, Jean-François. **O pós-moderno**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993,

LYPOVETSKY, Gilles; CHARLES, Sébastien. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.

LYPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo**. Barueri: Manole, 2005.

MIKLOS, Jorge. **Ciber-religião: a construção de vínculos religiosos na cibercultura**. Aparecida: Ideias&Letras, 2012.

SMITH, D. **Zygmunt Bauman: Prophet of Postmodernity**. Cambridge: Polity Press. 2013.

SOROS, George. **A era da insegurança**. Rio de Janeiro: Campos/Elsevier, 2007.

TFOUNI, Fabio Elias Verdiani; SILVA, Nilce. A modernidade líquida: o sujeito e a interface com o fantasma. **Rev.Mal-EstarSubj**:Fortaleza, v.8, n.1, p.171-194, mar. 2008.Disponível em:<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151861482008000100009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 27 jun. 2016.